

A B B I E G R E A V E S

O Silêncio entre Nós

Tradução
Ana Maria Pinto da Silva

 Planeta

Para Robert Walls, meu avô, que me ensinou a ler. Com sinceridade, a maior dádiva de todas.

Prólogo

Vendo de cima, Maggie parece ter tudo sob controlo. Deposita os comprimidos no prato raso com o habitual cuidado meticuloso. Quando muito, executa os movimentos de libertar as cápsulas revestidas do invólucro com uma precisão ainda maior do que a do costume, abrindo a cartela devagar como que a desfrutar do agudo som retumbante que assinala a queda de cada uma sobre a cerâmica. Qualquer coisa para quebrar o silêncio.

Assim que dispõe de oito na sua frente, Maggie vai buscar à bancada da cozinha o copo com água, intacto desde o almoço, e verifica a temperatura do forno uma última vez. Empadão de galinha, pré-cozinhado, portanto demorará vinte cinco minutos. Ainda lhe sobra muito tempo para terminar tudo por ali. Afasta uma cadeira e senta-se à mesa da cozinha, de costas para a porta. Há um maço de contas diante de si, já pagas, mas espalhando-se de forma desorganizada. Maggie vasculha a mala de mão e retira de lá o seu bem mais precioso, um pisa-papéis feito a partir de uma pedra, decorado de propósito para ela, e coloca-o sobre elas.

Resolvida a confusão, pega na caneta. Uma *rollerball*, uma das poucas com tinta na gaveta da secretária das almas perdidas, com um deslizar suave que evitará o reavivar da aguda cãibra no pulso que uma semana passada a escrever a esferográfica induziu. A sua letra é bonita e elegante como sempre quando termina a última frase destinada

a Frank. Se ainda existe algum resquício de dúvida na sua mente, os sinais são muito pouco visíveis. Talvez uma ligeira hesitação na vírgula, se olharmos mais de perto.

Maggie fecha a agenda de couro vermelho, e sem mais delongas junta os comprimidos na mão, deposita-os na língua e bebe um pequeno gole de água, atirando a cabeça para trás num extravagante gesto de engolir que adquiriu durante os anos da adolescência e de que nunca se livrou por completo ao longo do meio século seguinte.

A princípio, nada acontece. Sem se mexer da cadeira, recomeça a cortar o feijão, afastando as extremidades e os seus peculiares talos fibrosos para o canto da tábua de picar. As ondas de relaxamento chegam passado um minuto mais ou menos. Os gestos de Maggie a cortar o feijão começam a abrandar, a mão direita a tremer sobre a faca de cortar.

Apenas alguns segundos depois, cai para a frente. Por sorte, tudo acontece demasiado depressa para conseguir processar, a cabeça descaindo da maneira como sempre acontece durante as maratonas de filmes franceses que Frank organizava para as tardes chuvosas de domingo. É uma pena que ele ali não esteja para amortecer a queda desta vez.

E desta vez, está fora de questão ela voltar a acordar de novo de um pulo.



No seu escritório, Frank concentra-se no monitor à sua frente. O fim está à vista: um cavalo, um bispo e um peão, todos controlados pelo computador, numa configuração de principiante ainda por cima, encurralado no seu derradeiro reduto de esperança – a rainha. Tantas proezas académicas e ainda não consegue passar para o nível dois. Oferece toda uma nova repercussão à sua frase favorita: *a persistência é a chave*.

Outrora, quando Maggie o chamava para jantar, costumava encontrar-se de tal maneira absorto na sua estratégia que nem sequer conseguia registar o som da sua voz, muito menos encerrar o jogo. Assim

que pusesse a comida na mesa, Maggie viria buscá-lo, pousando-lhe as mãos nos ombros e afagando-o entre as omoplatas com os polegares até ao inevitável aparecimento do xeque-mate no monitor.

– Fica para a próxima! – costumava ela dizer de modo a consolar Frank, dando-lhe um novo incentivo. Os algoritmos poderiam estar contra ele, mas Maggie era incapaz de suportar vê-lo desiludido.

Hoje, no entanto, não há nada assim tão carinhoso a despertá-lo. Quando o alarme de incêndio lhe penetra na consciência a sua surpresa reside mais no facto de este ainda estar a funcionar do que em ouvi-lo disparar. Maggie nunca foi uma cozinheira muito atenta, embora isso pelo menos signifique que não são obrigados a enfrentar a cerimónia de testar a bateria do detetor de fumo com o cabo de uma vassoura a cada três meses. E o que é pior, os primeiros anos que passaram juntos foram assinalados por uma sucessão de agora famosas derrotas culinárias: o Pavê de Esguelha de 78 (no quinto ou sexto encontro); o *Cranachan*¹ de Cimento de 79 (um título que lhe valeu uma noite no quarto de hóspedes); a porta de acesso a uma gastroenterite numa festa de aniversário realizada no desleixado e desgovernado jardim de ambos (por sorte frequentada apenas por amigos chegados e muito compreensivos). Depois de passados os efeitos secundários, cada um desses feitos fizeram com que se sentisse, como que por milagre, cada vez mais profundamente apaixonado por ela.

O alarme soa agora estridente e insistente o suficiente para o obrigar a encerrar o jogo e, depois de um minuto a pensar se Maggie já estará a resolver o assunto, decide-se a ir ele dar um jeito naquele traste. Consegue sentir o cheiro a fumo antes de o ver. Lá adiante, no forno, há qualquer coisa que se queimou, que foi esquecido talvez enquanto Maggie se foi deitar um pouco, o que acontece agora cada vez com mais frequência. Depois de desligar o botão com uma das mãos, agarra no pano da loiça comprado como recordação e que estava enrolado na maçaneta da porta a fim de começar a dispersar o fumo. É mais espesso do que pensou a princípio e nem mesmo o melhor pano de loiça

¹ Sobremesa típica escocesa. (*N. da T.*)

da Cornualha vai ser capaz de dar conta do recado. Só quando avança para abrir a porta vê Maggie.

Não é a embalagem de comprimidos vazia que denuncia a situação. Nem o copo de água entornado, nem tão-pouco os restos de legumes espalhados em volta dos pulsos dela. É a dor que sente no peito. É o tapete puxado debaixo dos seus pés, as paredes que cedem, o teto que desmorona – todas as horríveis analogias sobre infraestruturas que se desenrolam à medida que ele percebe o que Maggie acabou de fazer.

Sente-lhe o pulso na esperança de encontrar ali alguma coisa: uma palpitação, um tremor, seja o que for. Talvez não seja tarde de mais.

As mãos dele pairam sobre o descanso do telefone. Nunca teve muito jeito para chamadas e por uns momentos fica indeciso se não deverá desistir por completo.

– Está lá, serviço de emergências. Ambulância, bombeiros, polícia ou guarda costeira?

Silêncio.

– Devo lembrá-lo de que fazer uma chamada para os serviços de emergência como uma piada ou para pregar uma partida constitui uma infração, assim como implica um risco para vidas humanas.

– Am-am-ambulância – consegue Frank dizer, mesmo a tempo, as vogais chocalhando-lhe na garganta antes de jorrarem numa torrente quase inaudível.

– Senhor, vai ter que falar mais alto para o serviço de ambulâncias. Vou passar agora.

– Serviço de ambulâncias. Qual é o endereço da emergência?

– 43 Digby Crescent, Oxford OX2 6TA. – A voz de Frank soa rouca, estranha, tão diferente de como lhe havia soado a si mesmo ao longo dos últimos meses.

– Pode dizer-me ao certo o que foi que aconteceu?

– É a minha mulher, Maggie, ela... ela tomou demasiados comprimidos, comprimidos para dormir.

– Vamos já enviar alguém. Ela está consciente, senhor? Consegue ver se ela tem pulso? Há algum sinal de que esteja a respirar?

– Eu... eu não sei. Não posso afirmar ao certo.

– Senhor, faz ideia se se tratou de um ato intencional?

Silêncio.

– Qualquer informação adicional que consiga fornecer nesta fase poderá revelar-se inestimável para a nossa resposta. A sua mulher aludiu nos últimos tempos a algum desejo de causar algum mal a si mesma? Há registo de alguns episódios depressivos anteriores?

– Bem... o facto... o facto é que não nos falamos há uns tempos. Quero dizer, *eu* não falo com ela há uns tempos... Há já... quase seis meses.

O silêncio dela

Capítulo 1

Não há nada tão inquietante como a sala de espera de um hospital. As filas de cadeiras de plástico com os seus revestimentos de vinil esburacados e puídos, o zumbido silencioso da máquina de venda automática, o ato coletivo de sustar a respiração quando o médico dos cuidados intensivos surge com novas notícias – dirigidas às outras pessoas na grande maioria das vezes – é como se todos os aspetos de tudo isto fossem concebidos para nos manter ansiosos. E isso antes mesmo de tomarmos consciência de ali estarmos, para começar.

Maggie sempre disse que a paciência era uma virtude *minha*, como se as boas qualidades fossem algo a ser partilhado num casamento, a par das tarefas quotidianas. Sou capaz de vê-la agora, à espera de um texto, de um *email* ou de uma visita, com um joelho a estremecer para cima e para baixo no sofá, e o outro sossegado debaixo da palma da minha mão à medida que tento acalmá-la. Tanta energia concentrada numa pessoa tão pequena. Perguntei-me muitas vezes como ela não ficava completamente exausta, preocupando-se com tudo e com todos. Nunca quis mudá-la, só queria ter a certeza de que toda essa energia nervosa não acabaria por deixá-la atada com nós tão apertados que nem eu seria capaz de desfazê-los. Tinha quarenta anos de êxitos a esse respeito e agora aqui estamos nós. Nunca é tarde de mais para as coisas mudarem.

Por cima da minha cabeça, o relógio emite um pesado tiquetaque suplementar ao anunciar a hora. Manterem-me à espera durante tanto

tempo não pode ser um bom sinal. A Maggie saberia. Quatro décadas como enfermeira serviriam para fazer um diagnóstico seguro e certo do seu estado. Isso e a quantidade astronómica de casos dramáticos a que assistiu no hospital.

– Uma terrível taquicardia – dir-me-ia com grande confiança quando nos sentávamos lado a lado no sofá numa tarde de sábado diante de um novo episódio na televisão, estendendo a mão para o controlo remoto e ajustando o volume de modo a competir com o som do seu comentário. – Contudo, é uma pena, um rapaz tão jovem descobrir que está assim tão doente... Parece que afeta sempre esses meninos da cidade, não achas? Todo aquele *stress* pavoroso que têm de suportar todos os dias...

– Professor Hobbs? – Um médico encontra-se de pé diante de mim com a mão estendida.

– Sim, sim, sou eu – respondo, começando a levantar-me da cadeira. Há algo de uma considerável eficiência neste médico que lhe irradia desde o risco impecável do cabelo até ao brilho dos sapatos. Até mesmo o crachá com o seu nome está pregado numa perfeita linha paralela com a costura da parte inferior do bolso superior da bata. De repente sinto-me bastante consciente da minha aparência e passo, de forma redundante, uma mão pelo cabelo.

– Sou o doutor Singh, o especialista encarregado do caso da sua mulher. Poderia acompanhar-me, por favor?

Sigo-o através das portas duplas e apenas por um momento de esperança imagino que estou a ser levado à presença de Maggie. Em vez disso, sou conduzido a um consultório defronte dos gabinetes de lobotomia e sinto os derradeiros resquícios das minhas doces ilusões escoarem-se. O médico senta-se diante de um computador e faz-me sinal para ocupar a outra cadeira enquanto liga o aparelho e vasculha entre uma pilha de papéis no canto da secretária. Uma ventoinha de pé atrás dele faz levantar os rebordos destes documentos soltos.

– Desculpe. Está um bocadinho quente hoje, não acha? Não faço ideia quando isto irá amainar.

Percebo o eufemismo do médico no suor que começa a acumular-se debaixo dos meus braços. Não tenho forças nem para fazer um comentário indiferente sobre o tempo e, em vez disso, baixo os olhos cravando-os nos pés.

O computador do médico começa a ferver de vida, encobrindo o meu embaraço. Passado mais ou menos um minuto, ele expira.

– Professor Hobbs, vou direto ao assunto. O prognóstico não é famoso. Quando a sua mulher chegou aqui ontem à noite, o sistema nervoso central dela estava a começar a entrar em colapso. Felizmente, os paramédicos conseguiram entubá-la e estabilizá-la, o que constituiu uma façanha tendo em atenção o tempo que ela podia estar já inconsciente quando foi encontrada. No entanto, ainda é muito cedo para dizer quais serão os efeitos causados pela privação de oxigénio. De momento, ela encontra-se em coma induzido. Assim que tivermos uma noção mais exata da extensão dos danos, poderemos considerar todas as opções, com a sua colaboração, é claro...

Esta era a minha deixa para dizer qualquer coisa. Passaram-me ao lado muitas delas no último ano, mas ainda conheço de cor os sinais que as acompanham – a sobrancelha levantada em ar de interrogação, a cabeça inclinada, o pigarrear impaciente. O médico opta pelo último.

– Ah, professor Hobbs, entendo perfeitamente o quanto isto é difícil para si, mas esteja descansado porque estamos a fazer tudo o que está ao nosso alcance para salvar a sua mulher. Entretanto, existem alguns recursos ao seu dispor. A nossa equipa de apoio à família possui...

– Não preciso de apoio familiar – interrompo, e a voz sai-me mais áspera do que pretendo e de que me lembro, mais calma também.

– Bem, sim, professor, concordo que não é coisa para toda a gente. Posso ver pela sua ficha que já recebeu orientação antes? Da equipa de apoio daqui? Sem seguimento em...

O médico ergue os olhos do monitor e eu pego nos óculos. Levanto uma das abas soltas da camisa e começo a esfregar as manchas das lentes, embora não tenha a certeza de estar a melhorar a situação. «Uma tática de fuga», tal como Maggie sempre lhe chamava. Quanto a isso, tinha razão.

– Repare, não me cabe a mim dizer o que o senhor deve fazer. Não posso obrigá-lo a consultá-los. Só que, bom, tenha isso em consideração, professor, está bem? Eles estão aqui à sua disposição a qualquer hora do dia e da noite, todos os dias. Assistimos a situações como esta com mais frequência do que pode imaginar, e eles têm formação especial para... O mais importante é que o senhor esteja ciente de que não está sozinho nesta hora.

Que ironia. É isso mesmo. Estou sozinho. Mais sozinho do que jamais estive. Até mais sozinho do que antes de conhecer Maggie, pois como podemos saber de verdade como é estar sozinho antes de nos sentirmos completos?

– Tal como eu estava a dizer, pouco podemos fazer nesta fase além de observar a evolução da senhora Hobbs, por isso o que aconselhamos é que o senhor considere a hipótese de voltar para casa e dormir um pouco, comer qualquer coisa. Mas primeiro, se desejar vê-la, podemos levá-lo até junto da sua mulher agora.

– Sim – murmuro. – Sim, sim, preciso vê-la.

– Professor, estou certo de que não preciso reiterá-lo, mas fazemos o mesmo a todos os familiares: o estado da sua mulher é muito delicado. Por favor não fique alarmado ao ver o seu aspeto e, se tiver alguma dúvida, por favor não hesite em informar-me ou em chamar alguma enfermeira. Mantemo-la para já num quarto particular, mas há sempre muitos membros do pessoal por perto, caso surja algum tipo de problema.

O médico começa a levantar-se e eu sigo-lhe o exemplo, sabendo muitíssimo bem que isso demora um pouco mais nos dias que correm e não querendo chamar a atenção dele para os meus sessenta e sete anos mais do que o estritamente necessário. Será que desistem mais cedo se acharem que somos demasiado velhos? Se não tivermos filhos chorosos em número suficiente ao nosso lado? Para o bem de Maggie, espero bem que não.

Saio na companhia do médico, passando pelas filas de feridos ambulantes, percorrendo um corredor de cadeiras de rodas abandonadas e pessoal clínico atarefado e angustiado navegando nas intermináveis

complexidades do contacto visual com os familiares. Pergunto-me quantas mais famílias estarão hoje a ser bafejadas pelos seus piores pesadelos. Pouco depois, chegamos ao fim das divisórias separadas por cortinas e o médico faz-nos deslizar para dentro da unidade de cuidados intensivos. Mais à frente há uma série de portas individuais, cada uma com um puxador de metal para pressionar.

Maggie está atrás de uma delas. Percebo isso pela maneira como o médico abranda o passo, leva a mão ao bolso para ver se tem o *pager*, olha para a esquerda e para a direita. Apetece-me dizer «Não», prendendo-lhe os braços ao correr do corpo e imobilizando-o. Mas que diferença poderia isso fazer a longo prazo? Não posso evitar enfrentar o que fiz para sempre. Tento entalar a camisa dentro das calças o melhor que posso e depois enfio as mãos bem no fundo dos bolsos para impedir que tremam.

Ouve-se um estalido silencioso quando ele empurra a porta abrindo-a com ambas as mãos. Entra, segurando-a entreaberta para eu poder passar, só que os meus ombros são mais largos do que ele calculou e verifica-se um momento constrangedor em que sou forçado a desviar-me de lado de modo a segui-lo, curvando a cabeça ao fazê-lo, mas ainda assim conseguindo bater com ela no cimo da jamba da porta. Nunca consegui habituar-me a ser a pessoa mais alta numa sala.

A princípio, no meio da fraca iluminação do quarto, é difícil distinguir Maggie. A cama está elevada e rodeada por um arsenal de maquinaria a martelar. É difícil acreditar que a vida dela depende agora de uma máquina não muito diferente do desumidificador que costumava acartar do sótão para baixo mediante as instruções de Maggie para a sua temporada anual de inverno na cave. Aproximo-me e, à medida que os meus olhos se adaptam à penumbra, sinto a respiração ficar presa na garganta. Solto-a como um gemido baixinho que sem dúvida preocupa o médico.

– Professor, lamento imenso...

– Posso tocar-lhe? – pergunto, ignorando o pedido de desculpas e aproximando-me mais um pouco da cabeceira dela.

– Sim, não há qualquer problema. Uma das enfermeiras não tardará a vir falar consigo para lhe explicar com mais pormenores os procedimentos que implementaram. Elas estão bem preparadas para falar consigo sobre os cuidados diários a ter com a senhora Hobbs. Pois muito bem, vou deixar-vos a sós por alguns momentos.

Durante um segundo, é como se fôssemos recém-casados de novo, os proprietários da pousada prontos a fazer uma retirada rápida e estratégica caso não conseguíssemos impedir-nos de saltar um pra cima do outro antes mesmo da porta se fechar. Daria tudo para voltar a esse tempo agora – Maggie rebelde e impulsiva, eu todo certinho, desajeitado, contudo sempre, de algum modo, o suficiente para ela.

Aqui ela parece mais pequena, recostada nas horrorosas almofadas de hospital. As suas mãos repousam sobre o lençol, tão delicadas como sempre, a cânula inserida e bem encostada às veias salientes e à pele fina como papel. Não há nenhuma cadeira ao lado da cama. É óbvio que não pretendem que ali fique. Como posso deixá-la aqui? Sentir-se-ia tão assustada, caso estivesse acordada. Assustada com a situação, mas mais por não ter ninguém com quem falar, ninguém com quem partilhar as suas observações e qualquer outro pensamento que lhe ocorresse. Sei que desapontei a Maggie. Sei que ela precisou de muito mais do que uma caixa de ressonância silenciosa ao longo dos últimos meses.

Quando lhe toco neste momento, devagar, como se tentasse não amedrontar um gato arisco da vizinhança, sinto a mão dela quente. É algo tão horrível e anormal. Mesmo nas noites mais quentes de verão, sempre podia confiar em Maggie para pousar as suas mãos frescas na minha testa depois do treino de bicicleta. Passei uma vida inteira a ser chamado para agir como luva humana e restabelecer um pouco da circulação sanguínea nas palmas das suas mãos. E agora isto? Precisávamos um do outro. Mas mais do que isso, escolhemo-nos um ao outro, queríamos-nos mutuamente – só saberemos o quanto essa sensação é maravilhosa quando ela nos for roubada.

Atrás de mim, ouço algo a arrastar. Viro-me para trás com cuidado, sem quebrar o contacto com Maggie. A enfermeira acabou de chegar,

as capas plásticas azuis que lhe revestem os sapatos arranham o linóleo enquanto ela recolhe as informações nos monitores ao fundo do quarto. Não faço a mínima ideia desde há quanto tempo a enfermeira ali está, mas ela repara quando olho em redor e tenho a sensação de que a mulher pode ter sido enviada para ali com a finalidade de me vigiar.

– Posso trazer-lhe uma cadeira, se desejar – oferece ela, no seu caloroso e reconfortante sotaque do Yorkshire. – Não pode ser confortável para si estar aí todo esse tempo de pé. – Vê-se que ainda é uma rapariga jovem. Não pode ter mais de, o quê, vinte cinco anos? Possui o tipo de encanto fácil que Maggie sempre teve, alegre e capaz de iluminar o quarto. Transporta-me de imediato quarenta anos antes no tempo, em que a chuva miudinha, os candeeiros da rua e uma versão embriagada de *Good King Wenceslas* proporcionam a banda sonora do nosso primeiro encontro.

– Posso? – pergunta de súbito, interrompendo-me a viagem pelo túnel do tempo. – Não me custa nada, a sério, garanto.

– Obrigado. Fico-lhe muito grato.

Durante uma boa parte das últimas vinte e quatro horas, mantive a compostura, mas foi com este gesto de bondade humana que me senti prestes a desmoronar. A enfermeira regressa pouco depois e chega a dar-se ao trabalho de desdobrar o assento da cadeira para eu me poder sentar. De repente sinto-me como o convidado de honra no piquenique mais intragável da minha vida.

– Como se chama? – pergunto, não me dando ao trabalho de tentar decifrar a placa de identificação com o nome dela na penumbra ou correr o risco de perscrutar o peito de outra mulher junto à cabeceira da cama da minha mulher.

– Daisy – responde a enfermeira. – Mas nada delicada como a flor, devo admitir¹.

Tento sorrir. Toda a metade inferior da minha cara parece que vai rachar com o esforço.

¹ Trocadilho com o nome da rapariga e a frágil flor margarida, que em inglês se diz *daisy*. (N. da T.)

– Sinto muito, lamento imenso por toda esta situação – diz Daisy, reparando quando os cantos da minha boca começam a descair. Durante um minuto, talvez mais, ambos observamos Maggie, o seu peito subindo e descendo com uma eficiência regimentada, os lábios ligeiramente entreabertos como se estivesse num estado permanente de rendição. Tudo nesta situação nada tem a ver com ela. A disciplina, o silêncio, o alvoroço das enfermeiras proporcionando o tipo de carinho e de gentileza que Maggie passou uma vida inteira a distribuir e pelo qual, por fim, acabou por ser punida.

– Se quiser, pode falar com ela – disse Daisy. – É tudo tão silencioso aqui, que muitas vezes as pessoas têm receio de falar em voz alta. Mas o senhor deve ultrapassar isso. Deixe que a sua mulher oiça a sua voz.

Engulo em seco. Pergunto-me o que Daisy diria se soubesse. Parece demasiado sábia para a sua idade e tenho a certeza de que já assistiu a uma boa dose de sofrimento nesta sua profissão. Ainda assim, será que seria capaz de compreender?

Recordo o dia em que a minha voz me falhou pela primeira vez. Estava tão perto de confessar o que tinha feito. Vira as consequências dispostas bem na frente dos meus olhos e a culpa foi tão absoluta, tão avassaladora, que percebi que precisava de contar tudo a Maggie. Tinha as palavras na ponta da língua, ou pelo menos era isso que eu pensava. Recompus-me à medida que ia subindo as escadas em bicos de pés até ao nosso quarto.

Depois virei a esquina e vi-a, na penumbra, debatendo-se para se sentar e alcançar um copo de água em cima da mesa de cabeceira, uma sombra da pessoa que ela fora, e eu soube que não podia correr o risco de continuar a magoá-la mais do que já magoara. Maggie mal conseguia aguentar-se; não poderia trazer-lhe mais notícias desagradáveis. Não podia contar-lhe o que precisava de contar, não quando isso significava que ela iria abandonar-me. Todos os dias em que não conseguia falar, no silêncio, vivia com essa mesma culpa, com essa mesma vergonha abrasadora. Sentia-me sufocado, mas de alguma maneira qualquer coisa era melhor do que pensar em contar a Maggie o que eu fizera e arriscar-me a perdê-la para sempre.

Daisy pigarreia ao de leve de modo a trazer-me de volta ao quarto.

– Não sou médica, não me interprete mal, mas posso falar sobre o que já vi, e por vezes é uma voz familiar que resolve o assunto, mais do que esses tubos alguma vez farão. A paciente ouve-o. Isso fá-la pensar em todas as coisas boas que têm e por que vale a pena acordar. Estimula a recuperação, sabia?

Não sabia mas apesar disso assinto com um aceno de cabeça. Vejo o quanto ela se importa com Maggie, ainda que seja apenas mais uma na sua extensa lista de pacientes. Daisy tem dedos grandes, compridos e grossos, mas movimentam-se com enorme gentileza à medida que endireita a fronha da almofada no pescoço de Maggie onde se enrolou debaixo dos tubos. Trata-se do tipo de gesto que sei que Maggie iria apreciar.

– Podia contar-lhe as novidades – instiga Daisy. – Em todo o caso, é provável que tenha muitas coisas para contar, depois do dia que teve. Ou talvez haja alguma coisa na sua mente que deseje partilhar, quem sabe?

– Bem, na realidade até tenho. – A minha tentativa para parecer despreocupado sai como na realidade é: acanhada e forçada.

– Perdão? Não entendi. O senhor está a murmurar – diz Daisy, anotando uma última leitura do monitor ao lado de Maggie e fechando a pasta do processo.

– Desculpe... sim, de facto tenho uma coisa que preciso contar-lhe. Uma coisa importante. Não sei porque não lhe contei antes.

O eufemismo só por si é suficiente para me arrasar. Comprimo o punho fechado com força de encontro aos lábios e obrigo-me a olhar para Maggie de frente. Como nunca me apercebi do quão pequena e frágil ela se tornou? Sempre foi baixinha – uns bons trinta centímetros mais baixa do que eu. No primeiro inverno em que vivemos juntos mal consegui acreditar na imensa quantidade de camisolas que ela precisava de usar no seu corpinho minúsculo só para conseguir movimentar-se pelo apartamento alugado. O duvidoso aquecimento central também não ajudava, e Maggie saltitava entre um pé e o outro como uma instrutora de aeróbica enquanto eu esmurrava os botões do aquecedor em vão.

Uma das primeiras coisas que soube sobre ela era que Maggie transportava consigo o seu aquecimento para onde quer que fosse.

– Agora não é o momento certo para ser duro consigo. Tranquelize a Maggie. Não desembuche tudo de uma vez, tenha cuidado... não vai querer afugentá-la. Com certeza não no início. Tente manter-se otimista. Lembre-lhe que ela é amada. Fale-lhe de todas as alturas em que lhe demonstrou isso.

O pânico devia estar estampado na minha cara de olhos esbugalhados porque Daisy pousou uma mão no meu ombro, uma pressão subtil que alisa as rugas do algodão da camisa que trago vestida.

– Não se preocupe muito com isso. Limite-se a falar com ela. Não deixe escapar este momento.